

Deflação prolongada pode levar à recessão

Economia - Brasil
'Carta do Ibre' adverte para a queda significativa dos preços de bens de consumo

O GLOBO

Mônica Ciarelli

Da Agência O GLOBO

25 SET 1997

preocupante se for mantida por mais três meses.

— Ainda é cedo para falar em recessão, mas é preciso acender uma luz amarela. Se a queda nos preços industriais se generalizar e afetar os insumos, será ainda mais grave. A desaceleração no setor pode ser claramente percebida, quando se constata que a taxa de crescimento da indústria baixou de 6,2%, no acumulado dos últimos 12 meses com base em julho, para 5,3%, no acumulado dos sete primeiros meses de 1997 — explica Lauro de Farias.

Economia ingressou num processo de 'stop and go'

Os economistas apontam que a queda nos preços industriais pode ser também reflexo de um ajuste das empresas à nova realidade da economia, ante a forte entrada de competidores estrangeiros no mercado. Para isso, se-

ria necessário que o recuo nos preços não viesse acompanhado de aumento no número de empresas com prejuízo.

— O Governo precisa perceber que existe risco de essa desaceleração acabar resultando em uma recessão no país — disse Lauro de Farias, frisando que a economia brasileira ingressou num processo de *stop and go* (para e anda) desde a implantação do Plano Real por causa do desequilíbrio das contas externas.

Para os economistas, o desequilíbrio do balanço de pagamento limita o crescimento econômico e, em consequência, restringe a absorção de mão-de-obra.

— Para conseguir aliviar o déficit externo, o Governo precisa diminuir o ritmo da atividade econômica. Isso obriga o Governo, cada vez que o nível de atividade começa a dar sinais de recuperação mais forte, a adotar me-

didadas para que a economia se desacelere. Entretanto, a economia não é um táxi que pára na velocidade que o Governo quer, até porque, a equipe econômica trabalha com estatísticas defasagem. Isso atrapalha na hora de fazer um ajuste mais profundo — disse Lauro de Farias.

Em 97, o PIB também será menor do que o previsto

Os economistas explicam que desde 1995, o Produto Interno Bruto (PIB) vem crescendo abaixo das expectativas. Em 95, a estimativa era de expansão em torno de 6% — o país cresceu apenas 4%. A situação se repetiu em 96, quando o PIB aumentou 2,9%, abaixo dos 3,5% programados no início do ano. O resultado vai se repetir em 97. Em janeiro, o Governo falava em crescimento de 4,5% do PIB, atualmente já se fala numa expansão de 3,8%. ■

• A persistência por mais tempo da deflação registrada pelos índices de preços, nos últimos dois meses, pode indicar o início da recessão no Brasil. O alerta é dos economistas Antônio Salazar e Lauro de Farias na "Carta do Ibre", divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Eles chamam a atenção para o comportamento dos produtos industrializados que, apesar de não estarem sujeitos a problemas sazonais, apresentaram um recuo significativo nos preços.

Dados da FGV mostram que o índice de preços dos bens de consumo duráveis no atacado acusou deflação de 0,05% em julho e de 0,7% em agosto. Essa queda, explicam, reflete uma desaceleração no consumo interno, o que é